

Defesa da Amazônia vira causa militar

■ Nacionalistas de esquerda e direita, militares e civis, deram clima de convocação geral ao 3º Encontro de Estudos Estratégicos

ALEXANDRE MEDEIROS

Se dependesse de disposição, eles iriam hoje para lá, de fardas ou pijamas, como se o inimigo estivesse prestes a desembarcar com suas tropas na foz do Rio Negro. A vontade de ocupar e defender a Amazônia da "cobiça internacional" é a ordem do dia para um grupo cada vez mais numeroso de militares da ativa e da reserva. Para isso, eles já colocaram em prática uma estratégia: abrir o debate à sociedade civil e conquistar apoio para a empreitada. A julgar pelos debates do 3º Encontro Nacional de Estudos Estratégicos, encerrado sexta-feira no Rio, a guerra está próxima.

"Podemos fazer guerrilha lá, como se fez no Vietnã", convocou o coronel da reserva Gélvio Augusto Fregapani, coordenador da mesa-redonda *Amazônia — Ameaça de perdas territoriais, ocupação e desenvolvimento*, realizada na quarta-feira em um auditório da Petrobrás.

Idealizado pela Escola Superior de Guerra (ESG), o debate reuniu militares, professores e estudantes universitários, além de parlamentares, líderes garimpeiros, empresários e executivos de bancos. Foi um dos quatro a tratar especificamente da Amazônia no 3º Encontro Nacional de Estudos Estratégicos.

Paixão — Para todos eles, o clima era de convocação geral. Nacionalistas de vários matizes — de esquerda e de direita, militares e civis — estavam ali para discutir as formas de proteger a Amazônia de inimigos externos. Do ex-ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves à historiadora Lygia Garner, professora da Universidade do Sudoeste do Texas, passando pelo governador de Roraima, Neudo Campos, o tema despertou defesas apaixonadas nos debates.

Apaixonadas e inusitadas. Na mesa-redonda coordenada pelo coronel Fregapani, o líder dos garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, disse que o garimpo é um dos responsáveis pelo desenvolvimento da região. "Os índios estão plantando cocaína em suas reservas para traficantes de fronteira, mas o governo prefere se preocupar com os garimpeiros, retirando-os à força das áreas de extração. Essa guerra, o governo vai perder sempre. O garimpeiro é retirado, mas volta", afirmou ele, recebendo o apoio dos militares presentes. Ninguém contestou a atuação dos garimpeiros na Amazônia.

O coronel Fregapani sugeriu uma aliança: "Só vamos ter soberania na Amazônia com o apoio dos garimpeiros na área dos índios ianomami."

O debate ferveu com a palestra do tenente-coronel Marcus Vinicius Belfort Teixeira, de 43 anos, da Comissão de Promoções de Oficiais do Ministério da Aeronáutica. Saudado como uma das mais jovens e atuantes vozes militares em favor da defesa da Amazônia, o oficial criticou a demarcação de áreas indígenas na fronteira. "Elas hoje ocupam 11% do território e apenas 0,2% da população da região. É uma ameaça à nossa soberania!", alertou.

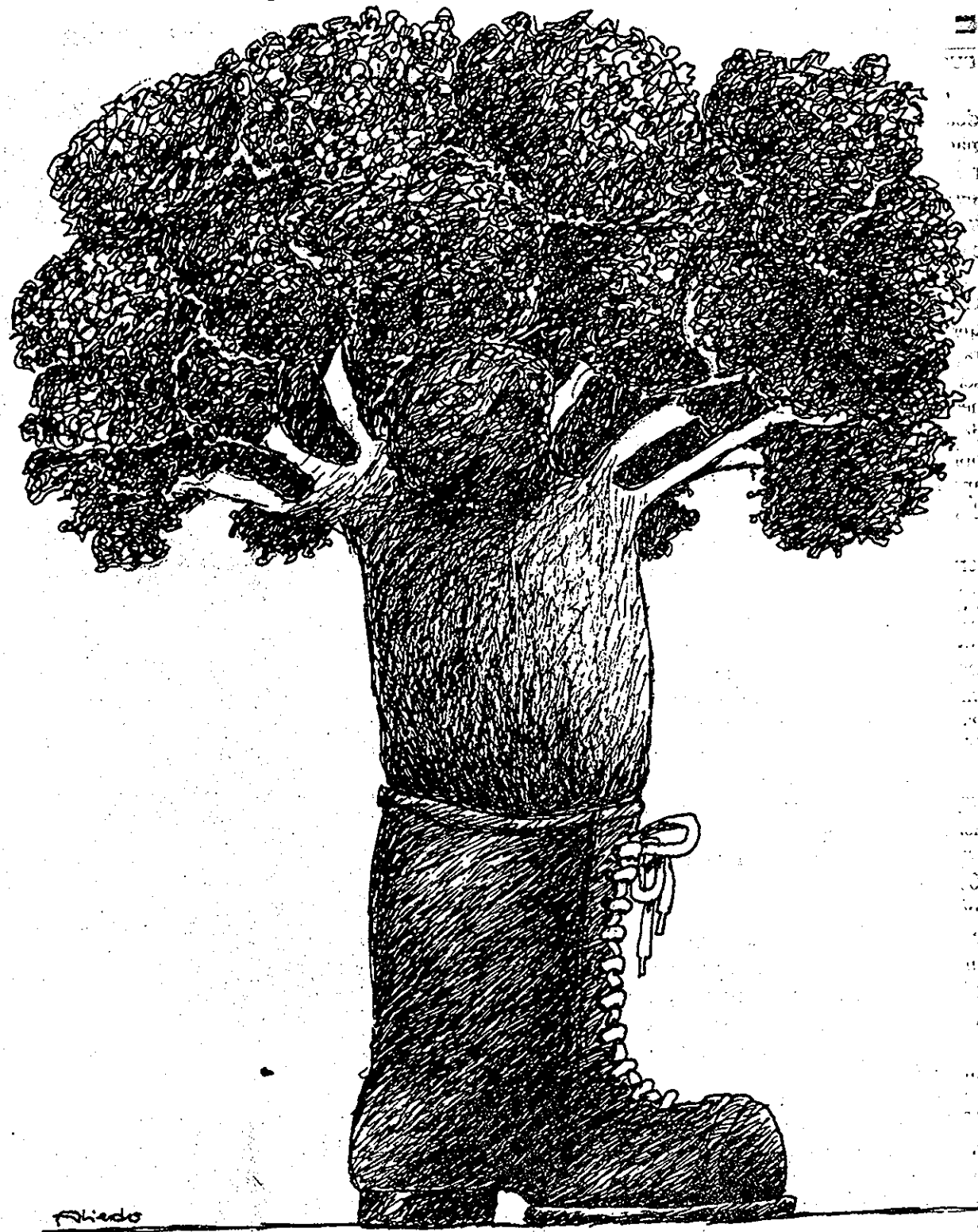
De acordo com o tenente-coronel Belfort, a demarcação de áreas indígenas na fronteira atende a pressões internacionais, exercidas sobretudo pelos Estados Unidos e pela Alemanha. "A Nicarágua fez isso e até hoje tem problemas com a soberania sobre suas áreas de fronteira", lembrou. O oficial mostrou transparências com notícias de jornais americanos e europeus sobre a Amazônia, onde a tônica era a internacionalização da região. O que mais causou indignação foi a frase *Fight the forest, burn a brazilian* (*Lute pela floresta, queime um brasileiro*), que circula em plásticos de carros em Londres, há um ano.

Muito aplaudido, o tenente-coronel foi convidado a dar outras palestras em universidades e centros de estudos estratégicos do Rio. "Isso mostra que o interesse pela Amazônia tende a crescer muito mais. Não é um assunto militar. É uma questão de toda a sociedade", disse ele.

Rondon — O oficial da Aeronáutica defendeu ainda a volta do Projeto Rondon que, a partir de 1968 e até a década de 80, levou milhares de estudantes universitários a estágios em áreas carentes do país. "Tem que ter gente na Amazônia", ponderou. A palestra de Belfort ganhou eco de fora. Para o coronel da reserva Amerino Raposo Filho, vice-presidente do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (Cebres), a criação de reservas indígenas contínuas em áreas de fronteira "é um atentado contra a soberania nacional".

Também o presidente do Cebres, o brigadeiro Osvaldo Terra de Faria, condenou a demarcação de áreas indígenas na fronteira. "O subsolo dessas reservas é riquíssimo em minerais e os americanos sabem disso, porque seus satélites fazem levantamentos periódicos na região", lembrou. O coronel Raposo explicou que o Cebres promove cursos e debates sobre a Amazônia, com a participação maciça de civis: "É salutar e vitalizante saber que cada vez mais esse assunto desperta o interesse nacional."

Se depender de disposição, está declarada a guerra.



Debate revela segredos da caserna

A miscigenação intelectual nos debates do Encontro de Estudos Estratégicos deu origem a situações inéditas. Em uma das plenárias, aberta ao público, o ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (Emfa), general Benedito Leonel, revelou detalhes até então restritos ao meio militar. Segundo ele, o Exército tem um núcleo de forças especiais capaz de colocar uma brigada em qualquer ponto do país em 24 a 48 horas, pronta para o combate. E foi além: defendeu a criação de uma Guarda Nacional, "como nos Estados Unidos, na França e na Itália", já que o "perigoso vácuo"

sobrecarrega as Forças Armadas. "Não existe um órgão nacional que coordene, por exemplo, as ações das polícias militares."

O debate fez com que aflorassem divergências antigas, num saudável exercício de democracia. O coronel da reserva do Exército Geraldo Cavagnari, que foi um dissidente do regime militar e hoje é diretor do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), defendeu a redução das Forças Armadas e o fim do serviço militar obrigatório. "Não podemos sustentar o atual contingente de 300 mil homens. É um desperdício."

Temos que ter militares profissionais e desativar as organizações que já não atendem às necessidades de defesa", afirmou. Horas depois, o general Benedito Leonel defendeu o serviço militar obrigatório e atacou os que pedem a redução do contingente. "Em 1995, 52% dos jovens incorporados eram voluntários. Isso é um fator de mobilidade social. Quem defende a redução das Forças Armadas tem uma visão obtusa e miope. Elas não cuidam apenas do combate: temos atividades complementares, que incluem até a construção de ferrovias..."